

## QUESTÃO V

*Quais são as conseqüências disso no plano:*

- a) *da ciência;*
- b) *da filosofia;*
- c) *mais particularmente do marxismo, inclusive do comunismo?*

## RESPOSTA

Sua questão, que segue uma lista preconcebida, merece que eu observe que não é óbvia depois da resposta precedente.

Parece supor que eu tenha aquiescido que “o inconsciente... subverte toda teoria do conhecimento”, para citá-lo, quase com as palavras que elido para separá-las: (o inconsciente) “é uma noção chave que”, etc.

Digo: o inconsciente não é uma noção. Que seja uma chave? Isso se julga pela experiência. Uma chave supõe uma fechadura. Seguramente existem fechaduras, e embora o inconsciente faça funcionar corretamente, para fechá-las? para abri-las? Não é óbvio que um implique o outro, *a fortiori* que sejam equivalentes.

É suficiente colocar que o inconsciente é. Nem mais nem menos. É suficiente que nos ocupemos um momento ainda depois de todo tempo que isso dura, sem que até mim ninguém tenha dado um passo a mais. Porque para Freud se tratava de voltar a partir da tábua rasa em cada caso: da tábua rasa nem sequer sobre *isso* que é, não pôde dizê-lo, fora sua reserva de um recurso orgânico de puro ritual: sobre *isso que é* em cada caso, eis o que ele quer dizer. Entretanto, nada seguro, senão que ele é, e que Freud, ao falar dele, faz lingüística. Mesmo quando ninguém o percebe, e contra ele, cada um trata de fazer entrar o inconsciente em uma noção de antes.

Antes que Freud tenha dito que ele é, sem que isso seja, nem isso, e sobretudo em absoluto o Isso.

O que respondi a sua quarta pergunta quer dizer que o inconsciente subverte tanto menos a teoria do conhecimento quanto não tem nada a ver com ela, pela razão que acabo de dizer: a saber, que lhe é estranho.

Sem que tenha nada a ver, se pode dizer que a teoria do conhecimento não é, pelo fato de que não há conhecimento que não seja ilusão ou mito. Isto, é claro, ao dar à palavra um sentido cujo emprego valha a pena manter mais-além de seu sentido mundano: a saber, que “o conheço” quer dizer: fui apresentado a você ou sei de cor o que você faz (de um escritor, em especial, de um pretense “autor”, em geral).

A notar, para aqueles a quem o Γνώθι σεαυτόν [conhecimento de si mesmo] poderia servir de *muleta* na ocasião, porque não é nada distinto, que esta tentativa de façanha exclui toda teoria desde que a consigna foi brandida pelo enganador délfico. Aqui o inconsciente não introduz reforço nem decepção: apenas o σεαυτόν [si mesmo] será forçosamente cindido em dois, para o caso de que alguém se inquiete ainda de alguma coisa que se pareça depois de haver posto à prova em uma psicanálise “seu” inconsciente.

Cortemos pois aí: não há conhecimento. No sentido em que a chave permitiria obscurecer as rubricas com as quais você crê agora apresentar sua pergunta. Não há outro conhecimento do que o mito que eu denunciava a pouco. Mito cuja teoria provém da mito-logia (a especificar com um traço de união) que necessita ademais uma extensão da análise estrutural com a qual Lévi-Strauss provê os mitos etnográficos.

Não há conhecimento. Mas saber, isso sim, aos montes, para não saber que fazer, os armários cheios.

Daí que, alguns (desses saberes) nos apanham ao passar. Basta que os anime um desses discursos através dos quais este ano pus em circulação a estrutura. Ser feito sujeito de um discurso pode torná-los sujeito de um saber.

Se nenhum discurso quer saber, acontece que se interroga um saber sobre seu uso caduco, ainda que para fazer disso arqueologia. Isto é mais que uma obra de antiquário se estiver afim de fazer funcionar a estrutura.

A estrutura, *ela*, é uma noção: por elaborar o que resulta para a realidade, por esta presença nela de fórmulas do saber, do que mais acima observei ela é seu advento nocional.

Há saberes cujos resultados podem permanecer em suspenso, ou cair em desuso.

Há um do qual ninguém teve idéia antes de Freud, do qual ninguém depois dele a tem ainda, salvo saber por mim de que lado tomá-lo. Tanto é assim que pude dizer a pouco que é com respeito a outros saberes que o termo inconsciente, para este, faz metáfora. A partir de que está estruturado como uma linguagem, se me outorga uma confiança frutuosa: seria preciso ainda que alguém não se engane sobre isso que ele é de preferência, se é verdade que não é um abuso pronominá-lo, a ele, o inconsciente, quem por esta ponta os agarra.

Se insisto em marcar assim meu atraso sobre sua pressa, é porque é preciso que você se lembre que ali onde illustrei a função da pressa em lógica, assinalei o efeito de engodo do qual ela pode se fazer cúmplice. Ela não é correta senão ao produzir esse tempo: o momento de concluir. Todavia é preciso cuidar-se de colocá-la a serviço do imaginário. O que ela reúne é um conjunto: os prisioneiros em meu sofisma e sua relação a uma saída estruturada por um arbitrário: não uma classe.

Acontece que a pressa ao divagar nesse sentido, serve plenamente a essa ambigüidade de resultados que entendo fazer ressoar com o próprio termo: revolução.

Pois não é de ontem que ironizo com a expressão tradição revolucionária.

Brevemente, gostaria de destacar a utilidade neste traço de desembaraçar-se das marcas da sedução.

Quando é da produção que o assunto adquire seu contorno.

Onde aponto o passo de Marx.

Porque ele nos coloca ao pé do muro no qual a gente se surpreende que não haja outra coisa a reconhecer, para que alguma coisa se inverta, não o muro, é claro, mas a maneira de girar em torno.

A eficácia dos golpes de glote no sitio de Jericó permite pensar que aqui o muro é de exceção, para dizer a verdade não economiza o número de voltas necessário.

É que o muro não se encontra, nessa ocasião, lá onde se crê, de pedra, feito de preferência com o inflexível de uma vacância extraordinária.

E se é esse o caso, reencontramos a estrutura que é o muro do qual falamos.

Ao defini-lo por relações articuladas por sua ordem, e tais como aí participam, não se faz mais que às suas custas.

Custas de vida ou de morte, isso é secundário. Custa de gozo, aí está o primário.

Donde a necessidade do mais-de-gozar para que a máquina trabalhe, não acusando-se aí o gozo senão para que se lhe tenha deste esguicho como furo a tapar.

Não se surpreenda você então se aqui pareço chato como de ordinário curso meu caminho.

É que aqui ao refazer um corte inaugural, não o repito, o mostro desdobrando-se para recolher o que dele cai.

Pois Marx, a mais-valia que é sua tesoura, ao desamarrá-lo, restitui o discurso do capital, é o preço que é preciso pôr-se a negar, como eu, que nenhum discurso possa se apaziguar com uma metalinguagem (com o formalismo hegeliano, no caso), mas esse preço ele o pagou ao restringir-se a seguir o discurso ingênuo do capitalista ascendente e da ávida infernal que se deu.

É bem o caso de verificar o que digo do mais-de-gozar. A *Mehrwert* é a *Marxlust*, o mais-de-gozar de Marx.

A concha para escutar para sempre a audição de Marx, eis aí o cauri com que comerciam os Argonautas de um oceano pouco pacífico, o da produção capitalista.

Pois esse cauri, a mais-valia, é a causa do desejo da qual uma economia faz seu princípio, a da produção extensiva, portanto insaciável, da falta-de-gozar. Por uma parte ela se acumula para acrescentar os meios desta produção a título de capital. Por outra estende o consumo sem o qual esta produção seria vã, justamente por sua inépcia a procurar um gozo com o qual ela pudesse retardar-se.

Alguém chamado Karl Marx, calculou o lugar do foco negro, mas também capital (é o caso de dizer) que o capitalista (que este ocupe o outro foco de um corpo para gozar de um Mais ou de um mais-de-gozar para constituir corpo), para que a produção capitalista se veja assegurada da revolução propícia para fazer durar seu duro desejo, para citar o poeta que ele mereceria.

O que é instrutivo é que essas palavras são de domínio público (com diferença claro da lógica da qual as provejo). Devemos pôr a cargo do inconsciente se elas se apresentam sob a forma de um mal-estar que Freud não fez mais que pressentir? Certamente, sim: se designa que algo trabalha. E será ocasião de observar que isso não modifica em nada o implacável discurso que completando-se com a ideologia da luta de classe, induz apenas os explorados a rivalizar sobre a exploração de princípios, para abrigar sua participação patente na sede da falta-degozar.

Que esperar portanto do canto desse mal-estar? Nada, senão testemunhar do inconsciente que ele fala – tanto mais gostosamente quanto o sem-sentido está em seu elemento. Mas, que efeito esperar já que, como se vê, assinalo que é algo que é, e não uma noção-chave.

Ao se reportar ao que instaurei este ano como uma articulação radical do discurso do mestre como avesso do discurso do psicanalista, dois outros se motivam em um quarto de giro para transitar de um ao outro, em especial o discurso histórico, por um lado, o discurso universitário, por outro, o que daí se extrai é que o inconsciente não participa senão na dinâmica que precipita a báscula de um desses discursos no outro. Ora, com ou sem razão, acredito poder aventurar-me a distinguí-los pelo deslizamento – de uma cadeia articulada pelo efeito do significante considerado como verdade – sobre a estrutura – enquanto função do real na dispersão do saber.

É a partir daí que se pode julgar o que o inconsciente pode subverter. Certamente nenhum discurso, onde no máximo ele apareça com uma doença de palavra.

Sua instancia dinâmica consiste em provocar a báscula na qual um discurso gira para o outro, por desnível do lugar em que o efeito de significante se produz.

Se se segue minha topologia feita a facção, se encontra aí a primeira aproximação freudiana em que o efeito de “progresso” a ser esperado do inconsciente é a censura.

Dito de outro modo, que para a continuidade da crise presente, tudo indica a procissão do que defino como o discurso universitário, ou seja, contra toda aparência que adote na ocasião, a ascensão de sua gestão.

É o próprio discurso do mestre, porém fortalecido com o obscurantismo.

É por um efeito de regressão, ao contrário, que se opera a passagem ao discurso do histérico.

Só o indico para responder a você sobre o que resulta das conseqüências de sua pretensa noção, no que diz respeito à ciência.

Por mais paradoxal que seja essa asserção, a ciência toma seus impulsos do discurso do histérico.

Seria preciso penetrar por este viés aos correlatos de uma subversão sexual na escala social, com os momentos incipientes na história da ciência.

Seria rude posta à prova de um pensamento audaz.

Este se concebe a partir de que o histérico é o sujeito dividido, dito de outra maneira, é o inconsciente em exercício, que põe o mestre no pé do muro de produzir um saber.

Tal foi a ambição induzida no mestre grego sob o nome da επιστήμη [epistémē]. Aí onde a δόξα [doxa] o guiava no essencial de sua conduta, ele foi intimado – e em especial por um Sócrates histérico confesso de que diz não entender senão de assuntos de desejo, patente por seus sintomas patognomônicos – para fazer gala de alguma coisa que valesse a τέχνη [tekhné] do escravo e justificasse seus poderes de mestre.

Nada a regatear de seu êxito, quando um Alcibíades só da prova desta lucidez ao confessar o que o cativa em Sócrates, o objeto *a*, que reconheci no άγαλμα [ágalma] do qual se fala no *Banquete*, um mais-de-gozar em liberdade e de consumo mais curto.

O curioso é que seja a marcha do platonismo que tenha ressurgido em nossa ciência com a revolução copernicana. E se é preciso ler Descartes e sua promoção do sujeito, seu “eu penso, eu sou, portanto”, não se deve omitir a nota de Beeckman: “A ponto de subir ao cenário do mundo, avanço mascarado”.

Leiamos o cogito traduzindo-o segundo a fórmula que Lacan dá da mensagem no inconsciente; é então: “Ou tu não és, ou tu não pensas”, dirigida ao saber. Quem hesitaria em escolher?

O resultado é que a ciência é uma ideologia da supressão do sujeito, o que o gentil-homem da Universidade ascendente sabe muito bem. E eu não sei tanto quanto ele.

O sujeito, ao reduzir-se ao pensamento de sua dúvida, cede lugar ao retorno em magnitude do significante mestre, ao duplicá-lo, sob a rubrica da extensão, com uma exterioridade inteiramente manejável.

Que o mais-de-gozar, ao prover a verdade do trabalho que virá, receba uma máscara de ferro (é dela que fala o *larvatus prodeus*), como não ver que é remeter-se à dignidade divina (e Descartes fica absolvido) por ser única garantia de uma verdade que não é mais que feita de significante?

Assim se legitima a prevalência do aparato matemático e a ênfase (momentânea) da categoria quantidade.

Se a qualidade não estivesse igualmente sobrecarregada de significado, seria também propícia ao discernimento científico: que baste vê-la retornar sob a forma de signos (+) e (-) no edifício do eletromagnetismo.

E a lógica matemática (graças a Deus! já que chamo a Deus por seu nome-de-Deus de nome) nos devolve à estrutura no saber.

Porém você vê que se o “conhecimento” não tem ainda recobrado conhecimento, não é pelo fato do inconsciente que o perdeu. E é pouco provável que seja ele que o reanime.

Assim como se sabe que o conhecimento divagou na física, quando quis inserir alguma partida estética – que ficou travada a teoria do movimento enquanto não se libertou do sentimento da impulsão – que é apenas o retorno do recalcado dos significantes a que se deve enfim que se confie a equivalência do repouso ao movimento uniforme, também o discurso do histérico demonstra que não há nenhuma estesia do sexo oposto (nenhum conhecimento no sentido bíblico) para dar conta da pretensa relação sexual.

O gozo com o qual ele se suporta está, como qualquer outro, articulado pelo mais-de-gozar pelo qual nessa relação com o parceiro sexual só é alcançado: 1) pelo *vir* que o identifica ao objeto *a*, fato no entanto claramente indicado no mito da costela de Adão, que tanto fazia rir, e com razão, e mais célebre epistolária da

homossexualidade feminina, 2) pelo *virgo* que o reduz ao falo, isto é, ao pênis imaginado como órgão da tumescência, ao inverso de sua real função.

Donde os dois rochedos: 1) da castração onde o significante-mulher se inscreve como privação, 2) da inveja do pênis onde o significante-homem é sentido como frustração.

São escolhos que deixam à mercê do encontro o aceso proclamado pelos psicanalistas à maturidade do genital.

Já que está aí o ideal bastardo com o qual aqueles que se dizem “de hoje” mascaram que aqui a causa é de ato e da ética que anima com sua razão política.

É também isso com que o discurso do histérico questiona o mestre: “Vejamos se és um homem”. Mas a representação da coisa, como diz Freud, aqui não é mais que representação de sua falta. A onipotência não é; é por isso, com efeito, que ela se pensa. E que não há crítica a lhe ser feita, como o psicanalista imbecilmente se obstina a fazer.

Não reside aí o interesse: em resignar-se se privar da essência do macho, mas em produzir o saber com o qual se determina a causa que se constitui como desafio em ser ente.

Acerca disso se dirá não sem pretexto que os psicanalistas em questão não querem saber nada da política. O entediante é que estão bastante endurecidos para professá-las eles próprios e que a crítica lhes venha daqueles que, por estarem alojados no discurso do mestre Marx, tornam obrigatórias as insígnias da normalização conjugal: o que deveria embaraça-los sobre o ponto espinhos de instantes.

Detalhe em relação ao que nos interessa: o inconsciente não subverterá nossa ciência por fazê-la confessar publicamente a falta de alguma forma de conhecimento.

Que simule às vezes que a bruxa que introduz seja a dos noturnos que habitam a ala desabada do castelo da tradição, se o inconsciente é chave, não o será senão ao fechar a porta que deixaria boquiaberto nesse buraco de vosso dormitório.

Os aficionados da iniciação não são nossos convidados. Acerca disso Freud não brincava. Proferia o anátema do desgosto contra estes sortilégios e não entendia que Jung perturbasse nossas orelhas com ares de mandala.



Isso não impedirá aos ofícios celebrar-se com almofadas para nossos joelhos, mas o inconsciente não contribuiria mais do que com risos pouco decentes.

Haveria que recomendá-lo para uso doméstico como tornassol que constitui o leque do reacionário em matéria de conhecimento.

Restitui, por exemplo, a Hegel o prêmio ao humor que este merece, porém revela sua ausência total em toda a filosofia que lhe sucede, exceto em Marx.

Não mencionarei mais do que a última amostra que chegou ao meu “conhecimento”, esse retorno incrível à potência do invisível, mais angustiante por ser póstuma e para mim de um amigo, como se o visível tivesse ainda para alguma mirada aparência do ente.

Estas afetações fenomenológicas giram todas em torno da árvore fantasma do conhecimento supranormal, como se houvesse algum normal.

Nenhum clamor do ser ou do nada que não se apague com o que o marxismo demonstrou com sua efetiva revolução: que não há nenhum progresso a esperar da verdade nem do bem-estar, mas apenas a virada da impotência imaginária ao impossível que resulta ser o real ao não se fundar senão em lógica: ou seja, aí onde advirto que reside o inconsciente, mas não para dizer que a lógica dessa virada não tenha de apressar-se do ato.

Pois o inconsciente joga também em outro sentido: quer dizer a partir da impossibilidade com que o sexo se inscreve no inconsciente, para manter como desejável a lei com a qual se conota a impotência de gozar.

É preciso dizer: o psicanalista não tem aqui que tomar partido, mas estabelecer uma comprovação.

Com isso dou testemunho de que todo rigor com que pude assinalar aqui os desfalecimentos da sutura, não encontrei entre os comunistas com os quais tive que me haver mais que uma negativa rotunda.

Explico com o fato de que os comunistas, ao constituírem-se na ordem burguesa como contra-sociedade, vão apenas remedar tudo isso com o que o primeiro se honra: trabalho, família, pátria, e fazem tráfico de influência e sindicato contra seja quem for que evidencie os paradoxos de seu discurso.

Para mostrar tudo isso como fator de patologia, ou seja, a partir de minhas proposições sobre a causalidade psíquica, em todas os lugares onde meu esforço

pôde tirar o selo do monopólio psiquiátrico, não tenho jamais recolhido deles resposta que se opusesse à hipocrisia universitária, da qual seria uma outra história predizer seu desdobramento.

É evidente que agora eles se servem de mim tanto quanto ela. Sem o cinismo de não me citar: são gentes honradas.